

## 24

A entrada do monte Tantiss aparecia como um brilho metálico, oculto de forma habilidosa abaixo de uma grande rocha, coroada de vegetação pendente. Entre eles e a porta, apenas visível da posição elevada onde se encontravam, havia uma clareira, que abrigava uma pequena cidade.

— O que acha? — indagou Luke.

— Que precisamos encontrar outra forma de entrar. De qualquer jeito, você nunca gostou mesmo da porta da frente — respondeu Han.

Fincou os cotovelos na camada de folhas para firmar o macrobinóculo. Havia um posto de soldados das tropas de choque ao lado de fora da entrada.

Luke bateu duas vezes em seu ombro, no sinal combinado para a aproximação de alguém. Han imobilizou-se, apurando os ouvidos. Com certeza, havia um som distante de passos sobre as camadas de folhas. Um minuto mais tarde, quatro soldados do Império, completamente equipados, emergiram das árvores alguns metros colina abaixo. Passaram sem olhar para cima, desaparecendo em outro grupo de árvores pouco adiante.

— Está começando a ficar perigoso — comentou Han.

— Acho que é a proximidade da montanha. Ainda não percebi nenhum indício de que estejam procurando por alguém. Não sabem que estamos aqui — disse Luke.

Han resmungou baixo e dirigiu a atenção para a pequena cidade na clareira. Grande parte das construções tinha uma aparência achatada e alienígena, com a maior delas abrindo-se para uma área quadrada. O ângulo de observação não era muito bom, mas parecia haver um bando de psadan perto desse prédio grande. Uma reunião de habitantes da cidade talvez?

— Não estou vendo nenhum sinal da guarnição — anunciou ele.  
— Devem estar patrulhando a floresta em frente à entrada.

— Isso nos facilitaria dar a volta à montanha.

— É...

Han assestou o macrobinóculo de volta à área quadrada. A multidão psadan que ele notara há pouco havia se reorganizado numa espécie de semicírculo, enfrentando outros nativos de aparência rochosa, de costas para o edifício. E o número parecia estar aumentando.

— Algum problema? — quis saber Luke.

— Não sei... acho que está havendo uma grande reunião lá embaixo.

Dois psadan... só que eles não parecem estar falando, estão segurando alguma coisa.

— Deixe eu tentar. Existem técnicas Jedi para melhorar a visão. Talvez funcionem também com o macrobinóculo.

— Pode experimentar — respondeu Han, passando o dispositivo para o cunhado.

Olhou para cima, reparando que havia algumas nuvens no céu, mas não parecia que o tempo iria ficar nublado a ponto de prejudicar a visibilidade. Ainda tinham cerca de duas horas de sol e depois...

Um murmúrio de Luke interrompeu-lhe os pensamentos.

— O que foi?

— Não tenho certeza absoluta, mas parece que estão segurando uma prancheta de leitura.

— Não sabia que eles usavam pranchetas de leitura — comentou Han.

— Nem eu — respondeu Luke, com voz diferente.

Han estranhou e olhou para o companheiro, que fitava a montanha, com um estranho olhar no rosto.

— O que aconteceu?

— É a montanha. Está escura. Completamente escura — respondeu Luke.

*Escura?* Parecia normal para Han.

— Do que você está falando?

— Está escura. Como era em Myrkr.

Han olhou outra vez para a montanha, depois para Luke.

— Está querendo dizer, como se existisse um bocado de ysalamiri bloqueando a Força?

O Jedi assentiu.

— Isso mesmo. Mas só vou saber com certeza quando a gente se aproximar.

— Que maravilha — comentou Han, sentindo um frio na barriga. — E agora, o que fazemos?

Luke deu de ombros.

— Vamos em frente. O que mais podemos fazer?

— Voltar para o *Falcon* e sairmos daqui correndo. A menos que tenha a intenção de entrar na armadilha do Império.

— Não acho que seja uma armadilha — opinou Luke, sacudindo a cabeça. — Ou pelo menos, não é uma armadilha para nós. Lembra que eu disse que o contato com C'baoth foi interrompido de repente?

Han cocou o queixo. Podia ver onde Luke queria chegar: os ysalamiri estavam ali para C'baoth, não para ele.

— Não sei se acredito nisso. Sempre imaginei que Thrawn e C'baoth estivessem do mesmo lado. Mara mesmo disse isso.

— Talvez eles tenham se desentendido — sugeriu Luke. — Ou talvez Thrawn o estivesse usando desde o começo e agora não o quer mais. Se o Império não sabe que estamos aqui, os ysalamiri são para ele.

— Certo, mas a verdade é que o motivo não importa muito. Eles vão bloquear seus poderes, assim como os de C'baoth — argumentou Han. — Vai ser como em Myrkr outra vez.

— Mara e eu nos viramos bem em Myrkr — lembrou Luk — Podemos nos dar bem aqui. De qualquer forma, viemos de muito longe para voltar agora.

Han sabia que o garoto tinha razão. Uma vez que o Império desistisse de usar a estratégia do planeta deserto, um novo grupo de ataque da Nova República não passaria além da atmosfera.

— Vai contar para Mara antes de sairmos daqui? — indagou Han.

— Claro. Mas vou contar a caminho — disse ele, olhando para o céu. — É melhor irmos andando enquanto temos luz do dia.

— Certo. Vamos embora — concordou Han, depois de dar uma última espiada.

Com Força, ou sem Força, tudo dependia deles. Os outros estavam aguardando no sopé da colina.

— Que tal? — quis saber Lando, assim que os dois se aproximaram.

— Eles ainda não sabem que estamos aqui — informou Han, procurando Mara com o olhar.

— Já é um começo.

Ela estava sentada perto de Threepio e Artoo, concentrando-se num grupo de cinco pedras que mantinha flutuando à sua frente. Luke a estava ensinando há alguns dias, mas agora parecia que o treino fora pura perda de tempo.

— Está pronta a nos levar até aquela porta traseira que mencionou?

— Posso prometer começar a procurar — respondeu Mara, mantendo as pedras no ar. — Como já disse, só vi o equipamento de ar condicionado pelo lado de dentro da montanha. Nunca disse que vi os respiradouros.

— A gente vai encontrar — garantiu Luke, caminhando até os dróides.

— Como vai, Threepio?

Mara deixou que as pedras caíssem.

— Provavelmente não vamos mais encontrar armadilhas myneyrshi pela encosta da montanha. O Império desencoraja qualquer atividade dos nativos aqui por perto.

— Não se preocupem — disse Luke aos dróides. — Os noghri vão encontrar uma trilha para nós.

— Cargueiro *Garret's Cold*, está liberado para aproximação final — disse a voz rígida do controlador de voo em Bilbringi pelo alto-falante do *Etherway*. — Plataforma Vinte e Cinco. Vetor retilíneo, conforme indicado pela bóia; ela vai enviar o curso a seguir para a plataforma.

— Entendido, controle — respondeu Aves, digitando o curso indicado.

— E quanto aos campos de segurança?

— Se permanecer no curso fornecido não vai encontrar nenhum deles. Se desviar mais de quinze metros para qualquer direção, vai

receber uma pancada no nariz. Pela aparência da sua nave, acho que não agüenta mais nenhuma batida.

Aves olhou para o alto-falante. Num daqueles dias iria se cansar dos sarcasmo barato dos burocratas do Império.

— Obrigado — disse ele, desligando.

— E tão divertido trabalhar com o Império, não? — comentou Gillespee, do assento do co-piloto.

— Gosto de imaginar qual será a expressão no rosto dele quando sairmos daqui com o emissor CGT.

— Espero que a gente não esteja por perto para confirmar — disse Gillespee. — Que sistema de vôo complicado eles têm por aqui.

Meia dúzia de geradores de campo estavam visíveis à medida que se aproximavam, flutuando para definir a rota fornecida pela bóia.

— Não era assim antes do ataque de Mazzic. Acho que foi feito para evitar que as naves ficassem voando pelos estaleiros, como faziam antes.

— Só espero que o sistema funcione bem.

— Eu também — concordou Aves. — Nem quero que eles saibam quantas batidas essa nave agüenta.

Olhou para o console, a fim de confirmar o vetor e verificar o tempo. A frota da Nova República deveria estar atacando Tangrene dentro de pouco mais do que três horas. O tempo suficiente para que o *Etherway* aterrissasse, descarregasse os capacitores de raios tratores que estavam doando ao esforço de guerra do Império, e se colocassem em posição de dar cobertura a Mazzic, que tentaria apanhar o emissor CGT no centro de comando, a oito plataformas de distância.

— Lá vai Ellor — comentou Gillespee, apontando para estibordo.

Aves olhou. Era mesmo o *Kai Mir*, com o *Klivering* ao lado. Além dele, podiam ver o *Starry Ice* flutuando próximo a uma plataforma. Tudo indicava que as coisas corriam bem.

Porém, quando o inimigo era alguém como Thrawn, as aparências não significavam muito. Por tudo quanto já ouvira falar dele, o Grande Almirante poderia já saber do ataque e só estar esperando a chegada de todos para prendê-los.

— Tem alguma notícia de Karrde? — indagou Gillespee.

— Ele não está desertando — declarou Aves. — Se diz que tem uma coisa mais importante a fazer, é porque tem algo mais importante a fazer. Ponto final.

— Eu sei disso. Mas pensei que alguns dos outros vão perguntar...

Aves percebeu que a coisa iria acontecer de novo. Seria de se pensar que depois de descoberta a traição de Ferrier em Hijarna, tudo tivesse ficado esclarecido. Devia saber que nunca era assim.

— Eu estou aqui. Assim como o *Starry Ice*, o *Dawn Beat*, o *Lastri's Ort*, o *Amanda Fallow*, o...

— Certo, certo, já entendi — interrompeu Gillespee. — Não precisa ficar irritado comigo. Minhas naves também estão aqui, lembra?

— Desculpe, mas eu estou ficando cansado de todos sempre suspeitarem de todos — desabafou Aves.

— Somos contrabandistas. Tivemos um bocado de prática nisso. Eu, pessoalmente, estou surpreso que o grupo esteja unido há tanto tempo. O que acha que ele está fazendo?

— Quem, Karrde? Não tenho a menor idéia. Mas com certeza é alguma coisa importante.

— Claro — Concordou Gillespee. — É essa a bóia de demarcação?

— Parece que sim — concordou Aves. — Apronte-se para apanhar os dados de curso. Prontos ou não, lá vamos nós!

As ordens foram dadas pelo comunicador de Wedge, que as verificou antes de passar para a frequência privativa da esquadrilha.

— Esquadrilha Rogue, aqui Rogue Líder. Acabei de receber as ordens: vamos com a primeira onda de ataque, flanqueando o cruzador de comando do almirante Ackbar. Mantenham posição até recebermos permissão para assumir nova formação. Todas as naves, acusem recebimento.

A medida que as respostas chegavam, em tom firme e animado, Wedge sorria para si mesmo. Havia uma certa preocupação, entre o oficialato de Ackbar, que o vôo longo até o ponto de encontro poderia deixar estafados os que haviam realizados missões próximas a Tangrene, para estabelecer o ataque forjado. Wedge não podia dizer nada sobre os

outros, mas ficava claro que a Esquadrilha Rogue estava ansiosa e pronta para a batalha.

— Acha que Thrawn recebeu nossa mensagem, Rogue Líder? — indagou Janson, interrompendo-lhe os pensamentos.

Mensagem? Puxando pela memória, Wedge recordou-se da conversa na cantina em Mumbri Storve, com Aves, o amigo de Talon Karrde. Hobbie estava firmemente convencido de que ele iria direto para a Inteligência do Império.

— Não sei, Rogue Cinco. Na verdade, até espero que não.

— Se não, perdemos nosso tempo.

— Não necessariamente. Lembre-se de que ele disse que tinha outro esquema que queriam coordenar com o nosso.

Qualquer coisa que acerte ou distraia o Império só pode nos fazer bem.

— Eles devem ter alguma entrega de contrabando planejada — retrucou Rogue Seis. — Esperando fazer tudo enquanto o Império está com a atenção em outro lugar.

Wedge não respondeu. Luke Skywalker parecia pensar que Karrde estivesse ao lado da Nova República e isso era o bastante para ele. Mas não havia maneira de convencer disso o resto da esquadrilha. Algum dia, talvez, Karrde resolvesse assumir uma atitude mais aberta contra o Império. Até lá, pelo menos na opinião de Wedge, todos os que não estavam ao lado do Grande Almirante ajudavam a Nova República, quer admitissem ou não.

Às vezes, eles nem ao menos sabiam disso.

O monitor alterou-se: a vanguarda de cruzadores estelares assumira a formação em cone. Era o momento das naves de escolta fazerem o mesmo.

— Muito bem, Esquadrilha Rogue, temos o sinal. Vamos para os nossos lugares.

Fornecendo potência ao asa-X, Wedge dirigiu-se para as luzes adiante. Mais duas horas e meia, e se a reunião da frota obedecesse ao horário, estariam saindo da velocidade da luz dentro dos estaleiros de Bilbringi.

Uma pena que ele não pudesse enxergar as expressões dos soldados do Império.

O último grupo de relatórios da região de Tangrene passou pelo monitor. Pellaeon passou os olhos por todos eles, resmungando. Não havia erro... os Rebeldes ainda estavam ali. Ainda deslocavam forças para a região; ainda não faziam nada para atrair a atenção. E em duas horas, se os relatórios da Inteligência fossem confiáveis pelo menos cinquenta por cento, lançariam um ataque sobre um sistema sem defesas.

— Eles estão indo muito bem, não estão, capitão? — comentou Thrawn, atrás dele. — Um espetáculo muito convincente, sob todos os aspectos.

— Senhor — começou Pellaeon, lutando para controlar a voz. — Sugiro, com todo respeito, que essa atividade Rebelde não seja, em absoluto, nenhum tipo de espetáculo. Tudo evidencia Tangrene como o alvo provável.

Várias unidades essenciais e naves importantes foram reunidas num ponto que obviamente vai servir para o salto...

— Errado, capitão — interrompeu Thrawn. — Isso é o que eles desejam que pensemos, mas não passa de uma ilusão muito bem construída. As naves as quais se refere deixaram os setores mencionados, depois de desembarcarem pessoal com os uniformes apropriados para confundir nossos espões. O grosso da força está nesse instante a caminho de Bilbringi.

— Sim, senhor.

Pellaeon controlou-se para não externar sua derrota com um suspiro. Mais uma vez, Thrawn escolhera ignorar seus avisos, bem como as evidências, em favor de palpites e intuições.

Se ele estivesse errado, não perderiam a base Ubiquitorate de Tangrene. Um erro dessa magnitude abalaria a confiança e o momento da máquina imperial de guerra.

— Toda guerra é um risco, capitão. Mas esse risco não é tão grande quanto imagina. Se eu estiver errado, perco uma base Ubiquitorate, que é importante, certamente, mas não insubstituível — declarou Thrawn, erguendo uma sobrancelha azulada. — Mas se eu estiver certo, temos uma ótima chance de destruir toda a frota Rebelde do setor. Considere o impacto que isso teria sobre o atual equilíbrio de poder.



— Sim, senhor — respondeu o capitão, sentindo os olhos do superior fixos nele.

— Não precisa acreditar. Mas esteja preparado para aceitar seu erro.

— Espero que sim, senhor.

— Ótimo. A nave está pronta, capitão?

Pellaeon sentiu as costas se esticarem num reflexo dos dias de ordem unida.

— O *Quimera* está ao seu comando, Grande Almirante.

— Então prepare a frota para o hiperespaço — comandou Thrawn. Os olhos vermelhos brilharam. — E para a guerra.

Não existiam trilhas verdadeiras no monte Tantiss; porém como Luke predissera, os noghri tinham um certo dom para escolher caminhos. Progrediram em pouco tempo, mesmo com os dróides num ritmo mais lento, e enquanto o sol ainda desaparecia abaixo das árvores, atingiram os respiradouros.

Contudo, não eram como Luke os tinha imaginado.

— Parece mais uma torre retrátil de turbolaser do que um sistema de circulação de ar — comentou ele com Han, enquanto se aproximavam da pesada grade e da enorme estrutura metálica que a apoiava.

— Me lembra a casamata que tivemos de invadir, lá em Endor. Só que tem uma porta de tela. Vamos com calma, pode ter sensores por aí.

Em qualquer outro lugar, Luke teria projetado a Força no interior do túnel. Porém, ali, com o efeito dos ysalamiri, era como ser cego.

Como estar em Myrkr outra vez.

Olhou para Mara, imaginando se ela teria pensamentos e lembranças similares. Talvez. Mesmo à penumbra, podia perceber as linhas de tensão no rosto dela, uma ansiedade e um medo que não estavam ali antes do grupo penetrar na bolha produzida pelos ysalamiri.

— E agora? — indagou ela. — Ficamos sentados aqui até amanhecer?

Han assestara o binóculo para a entrada.

— Parece um terminal de computador enfiado ali do lado direito — comentou ele. — O resto de vocês fique onde está... vou levar Artoo até lá e tentar conectá-lo.

Ao lado, Chewbacca rugiu um aviso.

— Onde? — quis saber Han, sacando a arma.

O wookie apontou com uma das mãos, enquanto a outra aprontava a besta.

Todo o grupo parou, com as armas prontas... e foi então que Luke escutou o ruído distante de disparos de desintegradores. A muitos quilômetros, na entrada da montanha, mas sem os sentidos Jedi não havia forma de saber.

Bem mais próximo, soou um chamado de pássaro.

— Um grupo de myneyrshi está se aproximando — avisou Ekhrikhor, apurando os ouvidos. — Os noghri os detiveram e pedem para avançar e conversar.

— Diga que fiquem onde estão — disse Han, hesitando um segundo antes de guardar a arma no coldre. Apanhou o *satna-chakka* no bolso e voltou-se para Threepio: — Vamos lá, Lata Velha Dourada, vamos ver o que esses nativos de quatro braços querem.

Ekhrikhor murmurou uma ordem e, logo, um dos noghri colocou-se ao lado de Han; Chewbacca cobriu o outro lado e, com Threepio protestando atrás, lá se foram os quatro na direção das árvores.

Artoo emitiu ruídos preocupados, girando seu domo entre o dróide que partia e Luke.

— Não se preocupe, ele vai ficar bem. Han não vai deixar que nada aconteça a ele.

Artoo externou sua opinião sobre a preocupação de Han.

— Temos problemas mais urgentes do que o bem estar de Threepio — lembrou Lando. — Acho que escutei desintegradores dentro da montanha.

— Eu também — afirmou Mara. — Provavelmente vieram da entrada do depósito. Talvez um resultado da tal reunião.

Lando olhou por sobre o ombro, para a grande entrada de ar.

— Vamos ver se conseguimos abrir essa grade. Pelo menos é outra rota de fuga.

Luke olhou para Mara, que evitou seus olhos novamente.

— Muito bem — disse ele a Lando. — Eu vou primeiro, você traz Artoo.

Com cuidado o Jedi moveu-se entre as árvores, aproximando-se do respiradouro. Porém se existia algum tipo de defesa contra intrusos, não estava funcionando. Conseguiu chegar sem incidentes e, com o vento que entrava a agitar-lhe os cabelos, estudou a peça. O que a princípio lhe parecera uma grade, era na verdade uma tela, protegida por uma larga moldura metálica, que penetrava vários centímetros no túnel. Uma barreira formidável, sem dúvida, mas nada que o sabre-laser não pudesse cortar.

Ouviu o som de folhas amassadas e viu Lando e Artoo atrás de si.

— A conexão é ali — indicou Luke. — Ligue-se aí e veja o que consegue descobrir.

Com a ajuda de Lando, o dróide dirigiu-se para o ponto indicado.

>

— Não vai se abrir para você — disse Mara, que também viera.

— Artoo vai verificar. Você está bem?

Ele esperava um comentário sarcástico, ou pelo menos um olhar penetrante. Não estava preparado para o gesto dela, de segurar-lhe a mão.

— Quero que me prometa uma coisa — disse Mara, em voz baixa. — Custe o que custar, não me deixe passar para o lado de C'baoth. Está entendendo? Não deixe que ele me domine. Mesmo que tenha de me matar.

Luke encarou-a, com um sentimento lúgubre e pesado abatendo-se sobre ele.

— C'baoth não pode forçar você a passar para o lado dele. Não sem a sua cooperação.

— Tem certeza disso? Certeza *mesmo*!

— Não — respondeu Luke, consciente de que havia muito que ignorava sobre a Força.

— Nem eu. É isso o que me preocupa. C'baoth me disse em Jomark que eu me juntaria a ele. Disse outra vez aqui, na noite em que chegamos — confessou Mara.

— Talvez ele esteja enganado, ou mentindo...

— Não pretendo arriscar — afirmou ela, apertando a mão de Luke. — Não vou servir a ele, Skywalker. Quero que prometa que vai

me matar antes de deixar que ele faça isso comigo.

Luke engoliu em seco. Mesmo sem a Força, podia perceber pela voz dela que Mara falava sério. Mas um Jedi, prometer matar alguém a sangue-frio...

— Posso prometer o seguinte: aconteça o que acontecer lá dentro, você não vai enfrentá-lo sozinho. Estarei a seu lado para ajudar.

Ela desviou o rosto.

— E se você já estiver morto?

Então era aquilo: a mesma batalha que ela vinha travando contra si mesma, desde o dia em que se encontraram.

— Você não precisa fazer isso. O Imperador está morto. A voz que você escuta é só uma memória que ele implantou em você.

— Eu sei disso. Pensa que isso ajuda a ignorar tudo?

— Não. Mas você também não pode usar a voz como desculpa. Seu destino está em suas mãos, Mara. Não na vontade de C'baoth, ou do Imperador. Ao final, é você quem toma as decisões. Você tem esse direito... e essa responsabilidade.

Escutaram passos, dos lados da floresta. Mara largou a mão de Luke e recuou um passo.

— Ótimo. Você pode distribuir filosofia, se quiser. Mas lembre do que eu pedi — afirmou ela, voltando-se a seguir para o grupo que se aproximava.

— O que está acontecendo, Solo?

— Conseguimos alguns aliados. Uma espécie de aliados, pelo menos — anunciou Han.

— Ei, Threepio! — chamou Lando. — Venha até aqui me dizer o que Artoo está dizendo.

— Pois não, senhor — respondeu com polidez o dróide, aproximando-se do terminal.

— Como assim, uma espécie de aliados? — quis saber Luke.

— E meio confuso — disse Han. — Pelo menos da forma como Threepio traduziu. Eles não querem nos ajudar, só querem entrar e combater os homens do Império. Eles nos seguiram porque acreditaram que iríamos descobrir outra maneira de entrar.

Luke estudou o grupo de alienígenas de quatro braços, bem mais altos do que a escolta noghri. Todos usavam quatro ou mais facas longas,

e levavam bestas... não exatamente o tipo de armas para se enfrentar soldados do Império com armaduras.

— Não sei... o que você acha?

Antes que Han pudesse responder, Lando chamou-o, em tom de urgência.

— Venha cá! Você precisa escutar isso! Diga a eles, Threepio.

— Parece que está acontecendo um ataque na entrada principal da montanha — relatou Threepio. — Artoo apanhou vários relatórios detalhando movimentos de patrulhas de guardas na área...

— Quem está atacando? — interrompeu Han.

— Acho que os psadan da cidade. De acordo com os relatórios dos portões, exigiram a libertação de seu mestre, o lorde C'baoth, antes do ataque.

— A prancheta! — exclamou Han, olhando para Luke.

— Faz sentido. Uma mensagem de C'baoth, incentivando o ataque. Imagino como fizeram para passá-la até o lado de fora.

— Isso confirma que ele está preso — lembrou Mara. — Espero que tenham bons guardas e uma cela sólida.

— Com licença, mestre Luke — disse Threepio. — Segundo os relatórios do portão, os atacantes estão armados com desintegradores, lança-mísseis e detonadores termais. São armas bastante modernas, se os relatórios estiverem corretos.

— Não importa onde conseguiram isso tudo, o problema é não deixar passar essa oportunidade gratuita para dividir a atenção do inimigo — lembrou Lando. — Vamos aproveitá-la agora.

Chewbacca rugiu, desconfiado.

— Tem razão, companheiro. É conveniente demais — comentou Han, espiando para o interior do respiradouro. — mas Lando também tem razão... precisamos aproveitar.

— Muito bem, Artoo. Desligue o sistema de ar — pediu Lando.

Após um ruído de assentimento, o dróide girou o braço acoplado ao terminal. O vento nos cabelos de Luke começou a diminuir, até cessar completamente.

Artoo emitiu novos ruídos.

— Ele diz que todos os sistemas para essa entrada de ar foram desligados — anunciou Threepio. — Avisa, entretanto, que uma vez que

o ciclo de trabalho termine, os filtros e campos de transporte podem ser reativados por um controle central.

— E melhor irmos andando, então — disse Luke, acionando o sabre-laser, aproximando-se da grade.

Quatro cuidadosos golpes mais tarde, a entrada estava pronta.

— Parece vazio — comentou Han, subindo para a abertura e espiando o interior. — As luzes de manutenção estão acesas no túnel. Artoo, pode conseguir para nós a planta desse nível?

O dróide emitiu sua resposta enquanto acionava o braço rotatório no terminal.

— Sinto muito, senhor, ele tem o esquema para o próprio duto de ar, mas diz que não existem outras informações nesse terminal — traduziu Threepio.

— Existirão outros terminais lá dentro — disse Lando. — Vamos deixar alguém na retaguarda?

— Um dos noghri vai ficar — disse Ekhrikhor, perto de Han. — Ele manterá a saída segura.

— Ótimo. Vamos indo — chamou Han.

Haviam percorrido cerca de cinquenta metros no interior do túnel, e já se aproximavam da primeira luz de manutenção que Han avistara, quando Luke olhou para trás e reparou nos silenciosos myneyrshi que os seguiam de perto.

— Han?

— E, eu sei. O que você quer que eu faça, diga para eles irem embora?

Luke olhou outra vez para trás, reconhecendo que ele tinha razão. Mas... facas e bestas contra desintegradores?

— Ekhrikhor?

— Qual seu desejo, filho de Vader?

— Quero que escolha dois dos seus para ir com aqueles myneyrshi. Devem guiá-los e ajudá-los em seus ataques.

— Mas é a você que devemos proteger, filho de Vader — objetou Ekhrikhor.

— Vocês estarão me protegendo — disse Luke. — Cada soldado do Império que os nativos derrubem será um a menos para a gente se

preocupar. Mas acho que não vão matar nenhum se não forem orientados no primeiro ataque.

O noghri produziu uma espécie de miado infeliz no fundo da garganta.

— Escuto e obedeco.

Fez um sinal para dois companheiros. Enquanto Luke observava os três pelo túnel, teve um vislumbre do rosto de Mara. Ela ainda parecia com medo, porém exibia uma expressão determinada. O que quer que estivesse à frente deles, ela estava pronta para enfrentar.

Só podia esperar que ele também estivesse.

— Lá está — anunciou Karrde, apontando a montanha que se elevava acima da floresta, projetando a longa sombra do crepúsculo.

— Tem certeza? — indagou Leia.

Projetou a Força, com tanta intensidade quanto possível. Em Bepin, durante a fuga desabalada da Cidade das Nuvens, de Lando, ela fora capaz de pressentir o chamado de Luke de uma distância como a que estava da montanha. Porém não escutou nada.

— Pelo menos esse foi o ponto apontado pelas coordenadas que recebemos. A menos que tenham enviado a Ghent uma localização falsa — disse Karrde, olhando por sobre o ombro. — Alguma coisa?

— Nada, ainda — respondeu Leia, sem tirar os olhos da montanha, sentindo o estômago doer. Depois de tanta esperança, estavam atrasados. — Eles já devem ter entrado.

— Estão no meio da encrenca, então — disse Ghent, operando as comunicações. — O Controle de Vôo diz que está acontecendo um tumulto à entrada da montanha. Estão pedindo que aterrissemos numa área de manutenção, dez quilômetros ao norte.

Leia negou com a cabeça.

— Precisamos nos arriscar para entrar em contato com eles.

— E muito perigoso — disse Dankin, o co-piloto. — Se nos apanharem usando um canal não-imperial, é provável que tentem nos abater.

— Talvez exista outra forma — sugeriu Mobvekhar, aproximando-se de Leia. — Ekhrikhor, clã Bakh'thor deve ter deixado um guarda no ponto de entrada. Existe um sinal noghri de reconhecimento, que pode ser reproduzido pelas luzes de aterrissagem.

— Prossiga, então — disse Karrde. — Sempre podemos dizer que foi um defeito se a guarnição reparar. Chin, Corvis... observem seus visores.

Aproximando-se do console de Dankin, o noghri acionou as luzes de aterrissagem cerca de meia dúzia de vezes, com intervalos variados. Leia continuava olhando para a encosta, à procura de algum indício, procurando abranger toda a montanha.

— Peguei — anunciou Corvis da torre de turbolaser. — Posição zero- zero-três, ponto dezessete.

Leia olhou por sobre o ombro de Karrde, para observar o monitor dele. Lá estava, fraca, mas visível: uma luz acendendo e apagando.

— São eles — confirmou Mobvekhar.

— Ótimo — disse Karrde. — Ghent, responda que vamos proceder conforme o que nos foi ordenado. E melhor achar um assento e prender as correias, conselheira; estamos a ponto de ter um defeito inesperado no repulsorlift.

Entre as árvores e as rochas escarpadas Leia teria julgado impossível encontrar um lugar para pousar uma nave do tamanho do *Wild Karrde*. Mas a tripulação certamente já empregara o truque antes, e com um disparo preciso de turbolaser, no último segundo, criaram espaço aberto para pousar.

— E agora? — quis saber Dankin.

Karrde olhou para Leia e levantou uma sobrancelha.

— Vou entrar — anunciou ela, recordando a visão de Luke e Mara em perigo. — Você não precisa vir.

— A conselheira e eu vamos procurar uns amigos — disse Karrde a Dankin, retirando os cintos e erguendo-se. — Ghent, tente convencer a guarnição de que não precisamos de ajuda.

— E eu? — quis saber Dankin.

— Você fique pronto, para o caso deles não acreditarem em Ghent. Vamos, conselheira.

O noghri que respondera o sinal não estava à vista quando eles desceram a rampa do *Wild Karrde*.

— Onde está ele? — quis saber Karrde.

— Esperando — esclareceu Mobvekhar.



Assobiou e aguardou, ouvindo atentamente a resposta.

— Fomos reconhecidos. Ele pede que nos apressemos. Os outros estão menos de um quarto de hora a nossa frente.

Um quarto de hora. Leia olhou para a escuridão da montanha. Era tarde demais para avisá-los, mas talvez não fosse tarde demais para ajudar.

— Vamos, estamos perdendo tempo.

— Espere um minuto — pediu Karrde, olhando por sobre o ombro. — Precisamos esperar por... aí estão.

Leia voltou-se. Vindo pelo corredor na direção deles pelo corredor, um homem de meia-idade trazia dois animais quadrúpedes na coleira.

— Aqui está, capitão — disse o homem, passando as correias para Karrde.

— Obrigado, Chin — disse Karrde, agachando-se para acariciar os animais. — Acredito que não tenha conhecido meus vornskr, conselheira. Esse chama-se Drang; o outro, um pouco mais sério, é Sturm. Em Myrkr eles utilizam a Força para caçar sua presa. Aqui, vou usá-los para encontrar Mara. Certo?

Os predadores fizeram um ruído estranho, uma espécie de rosnado cheio de estalidos.

— Muito bom, muito bom — comentou Karrde, levantando-se. — Acredito que agora estamos prontos, conselheira. Vamos indo?